



---

ARTIGO - ARTICLE

---

## A pandemia de influenza de 1918 em Ponta Grossa, Paraná

Isaias Holowate

Prefeitura de Castro - PR

isaiaisholowate@gmail.com

**Resumo:** A pandemia de gripe de 1918 assumiu proporções globais, configurando-se como uma das maiores catástrofes da história moderna, intensificada pelas transformações sociais decorrentes da crescente globalização e pelo contexto da Primeira Guerra Mundial. Este artigo tem como objetivo analisar os impactos da epidemia de influenza, conhecida como gripe espanhola, no contexto local da cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná. A investigação baseia-se nas representações veiculadas pela imprensa paranaense durante o período epidêmico, considerando-as como fontes primárias para a reconstrução das experiências sociais vividas naquele momento. Adota-se, como metodologia, a pesquisa indiciária, a fim de apreender, por meio das manifestações locais e regionais, as percepções, estratégias de enfrentamento e dificuldades enfrentadas diante das perdas humanas e sociais provocadas pela pandemia de 1918.

**Palavras-chave:** Gripe Espanhola; História do Jornalismo; Pandemia; Ponta Grossa.

### *The 1918 influenza pandemic in Ponta Grossa, Paraná*

**Abstract:** The 1918 influenza pandemics reached global proportions, becoming one of the greatest catastrophes in modern history, intensified by the social transformations resulting from increasing globalization and the context of the First World War. This article analyzes the impacts of the influenza epidemic, also known as the Spanish flu, on the local context of the city of Ponta Grossa, in the state of Paraná. The investigation is based on representations conveyed by the Paraná press during the epidemic period, considering them as primary sources for reconstructing the social experiences of that time. The methodology adopted is evidential paradigm, aiming to understand, through local and regional manifestations, the perceptions, coping strategies, and difficulties faced in the face of the human and social losses caused by the 1918 pandemics.

**Keywords:** Spanish Flu; History of Journalism; Pandemic; Ponta Grossa.

## Introdução

O presente artigo estuda as representações da pandemia de influenza de 1918 na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, a partir dos textos do jornal local *Diário dos Campos* publicados no período em que a mesma atingiu a sociedade local. O objetivo é compreender os signos e significados produzidos pela equipe do impresso durante esse período traumático no meio local e mundial, e o processo político de construção dos signos e significados desses discursos, na conjuntura social em que foram produzidos e divulgados.

Utiliza-se como fonte principalmente as publicações do jornal *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa, especialmente do segundo semestre de 1918, quando a doença atingiu com maior gravidade no meio local. No decorrer da pesquisa, fontes dos anos seguintes também foram analisadas, assim como de outros jornais do Paraná e Brasil, e são eventualmente citados.

O jornal *Diário dos Campos* funcionava como um meio de produção e veiculação de discursos. Enquanto categoria de pesquisa histórica, o discurso pode ser compreendido como um conjunto de enunciados, que se apoiam na mesma formação discursiva, sendo constituído por um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de produção e circulação<sup>1</sup>.

Os textos devem ser compreendidos como representações interessadas não apenas em divulgar os acontecimentos da sociedade, mas em questionar, refletir e transformar a sociedade da qual fazia parte. Ou seja, as representações publicadas nas páginas dos impressos não são neutras, mas atendem aos interesses da configuração e do círculo de sociabilidades que influencia na produção do jornal, sendo que, tal como aponta Chartier, “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”<sup>2</sup>.

As representações investigadas nas edições de um impresso são compreendidas através da relação signo – significado, “entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este,

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 135-136.

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.

por lhe estar conforme”<sup>3</sup>. Essas representações não são a realidade por si própria, mas uma produção do real pelos indivíduos e grupos que as constroem. Tal construção não é uma cópia exata dos acontecimentos que ocorreram na sociedade. Existe um processo de filtragem que é mediado pelos participantes da configuração jornalística, que transforma os acontecimentos em fatos. Após isso, os discursos passam pelo processo de construção das notícias e, finalmente, de adaptação jornalística para serem publicadas como textos nas edições do impresso.

Dadas essas condições, a pesquisa segue um paradigma indiciário<sup>4</sup> subvertendo as ausências e vazios discursivos com uma investigação baseada na teia dos vestígios que vão sendo encontrados no decorrer do estudo. Os rastros conduzem a outros sinais na busca pela reconstrução dos sentidos dos discursos presentes no jornal *Diário dos Campos* sobre a pandemia de influenza de 1918.

### O jornal *Diário dos Campos*

Em 1918, o jornal *Diário dos Campos* completava seu 11º ano de publicação. Em questão de longevidade, abrangência e público, superava todos os impressos que haviam existido anteriormente na região dos Campos Gerais, no Paraná. Tinha uma configuração<sup>5</sup> sólida, com colaboradores e apoiadores ocupando posições importantes na sociedade local e estadual, incluindo Hugo dos Reis, que era o jornalista mais prestigiado no meio local, o fazendeiro Elyseu de Campos Mello, figura proeminente do diretório do Partido Republicano local e que seria prefeito de Ponta Grossa entre 1928 e 1930, e o advogado, fazendeiro e político em ascensão Flávio Carvalho Guimarães, que ocuparia funções de senador e deputado federal na década seguinte.

---

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n.11, 1991, p. 184

<sup>4</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1989, p. 177

<sup>5</sup> ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

O jornal havia sido fundado em 1907, com o nome de *O Progresso*<sup>6</sup> e a premissa que o gradual progresso tecnológico, econômico e social conduziria ao reconhecimento da imprensa e ao crescimento econômico do jornal. Reis e outros membros da configuração do *Diário dos Campos*, assim como muitos investidores, jornalistas e intelectuais daquele período, haviam acreditado e promovido o progresso como a necessidade e inevitabilidade para o futuro da sociedade mundial que resolveria os problemas, as crises e as doenças da sociedade nacional e internacional.

Os acontecimentos na segunda metade da década de 1910 e, em especial, a pandemia de 1918, mostraria que essa relação não era exata. O reconhecimento social, embora possibilitasse a afluência de interessados na participação na equipe do impresso, não necessariamente significava a afluência econômica para os caixas do jornal e um superávit financeiro. E o progresso, que tinha sido a razão para a fundação e a continuidade do jornal *Diário dos Campos*, o discurso apoiador do desenvolvimento tecnológico, econômico e social pela instalação das indústrias, comércio e serviços na região, o discurso que havia constantemente defendido a melhoria das estradas de rodagem, a instalação e o aprimoramento das ferrovias e a aproximação com as metrópoles nacionais, seria também por esses mesmos caminhos que a pandemia de influenza chegaria aos cinco continentes habitados pelos humanos. A ferrovia, símbolo e ferramenta do progresso na região, seria a principal rota de entrada da doença em Ponta Grossa. E a equipe do *Diário dos Campos*, ao mesmo tempo que buscava remédios e explicações, também teria que lutar pela sobrevivência em meio à experiência da pandemia, dos doentes e das mortes.

### **O jornalismo ponta-grossense e a pandemia de gripe de 1918**

No decorrer de sua trajetória, projeto do jornal *O Progresso/Diário dos Campos* sobreviveu a catástrofes naturais e sociais que colocaram em risco não apenas a integridade ideológica do impresso, mas também a própria continuidade de publicação do periódico. Entre 1912 e 1916, a redação do jornal havia visto a cidade de Ponta Grossa se tornar frente de batalha durante o conflito entre as forças estatais

---

<sup>6</sup> O jornal, que inicialmente era chamado de *O Progresso*, passou por uma reestruturação em 1913, se tornando diário e recebendo o nome de *Diário dos Campos*.

e os sertanejos do Contestado. Em 1914, o início da Primeira Guerra Mundial afetou as populações de todos os continentes. Imigrantes de diversas nacionalidades, como o médico italiano Francisco Burzio, partiram para seus países de origem para lutar na guerra.

Mesmo com o Brasil tendo proclamado sua neutralidade, as dificuldades econômicas se exacerbaram no decorrer do conflito, aumentando a inflação e a escassez e os altos preços dos alimentos. Em 1917, os problemas de abastecimento e os altos preços dos alimentos foram algumas das pautas centrais da greve dos operários em diversas cidades brasileiras, inclusive entre os operários em greve de Ponta Grossa<sup>7</sup>.

No mesmo ano de 1917, o Brasil e os EUA entraram na guerra ao lado da Tríplice Entente<sup>8</sup>. A entrada dos EUA na guerra sinalizava para um fim próximo do conflito, dado o esgotamento dos Impérios Centrais e o poderio econômico estadunidense. Em março de 1918, nos campos de treinamento dos soldados dos EUA, a influenza começou a registrar cada vez mais casos.

Nos meses seguintes, milhões de pessoas seriam atingidas e morreriam pela pandemia de influenza. Entretanto, como até novembro de 1918 a maioria dos países da Europa ainda estava em guerra, os únicos dados confiáveis de países europeus sobre a pandemia vinham da Espanha, que se manteve neutra no conflito. Os elevados números de casos na Espanha, ao serem noticiados pela imprensa mundial, deram nome à doença, que ficou conhecida como a “gripe espanhola”.

Quando a “gripe espanhola” estava atacando a população flagelada pela guerra, o termo “pandemia” não era utilizado pela imprensa. Os jornais chamavam a crise de saúde de “epidemia”, que é compreendida como um aumento significativo de casos de uma determinada doença em diversas regiões. A pandemia difere da epidemia pelo grande número de casos em uma escala de abrangência global.

---

<sup>7</sup> HOLOWATE, Isaias. *Discursos e sociabilidades nas páginas do jornal Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1907-1921*. 2024. 270 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024, p. 185-208.

<sup>8</sup> A Primeira Guerra Mundial foi lutada entre a Tríplice Entente, inicialmente constituída pela Inglaterra, França e Império Russo, contra a Tríplice Aliança, que era composta dos Impérios Alemão, Austro-Húngaro e Turco, chamados também de Impérios Centrais. Posteriormente, a Itália e diversos outros países – incluindo os EUA e Brasil – entraram na guerra em favor da Entente.

Não se esperava o vírus da influenza, seu número de casos e sua abrangência global. A mesma edição de um jornal poderia ter notícias de mortes pela doença no Brasil, no Japão e nos EUA. O progresso e a interligação mundial facilitavam a disseminação da doença. As informações sobre os casos, eram enviadas via telégrafo pelas agências de notícias e correspondentes ou republicadas de jornais internacionais. E quando o vírus chegava à própria região, os jornais buscavam focar em fornecer algum tipo de informação e conforto para a municipalidade, fazendo com que muitas vezes as notícias de um dia contradissem as do dia anterior, pois não se sabiam respostas para a doença.

Tendo em vista a guerra e a dificuldade de identificação dos casos, as estimativas dos casos da influenza de 1918 não são exatas. Cerca de 500 milhões de pessoas foram atingidas pela pandemia. As estimativas de fatalidades variam de acordo com a fonte, indo desde 40 milhões até 100 milhões de mortos<sup>9</sup>. Em uma população mundial que, logo após a passagem do vírus, em 1920 era estimada em 1 bilhão e 834 milhões de pessoas, uma em cada quatro pessoas foi atingida pela pandemia de influenza. E, pelas estimativas, entre 2% e 5% da população mundial morreu vítima da pandemia de 1918. Para efeito de comparação, a epidemia de Covid-19, ocorrida entre os anos de 2020 e 2022, teve 650 milhões de casos no mundo, com 6 milhões de mortes<sup>10</sup>, em uma população mundial que ultrapassou a marca dos 8 bilhões.

O número de atingidos pela influenza e a taxa de letalidade da pandemia de 1918 tiveram um impacto significativo na trajetória da sociedade moderna no século XX. O número de fatalidades pela pandemia de 1918 foi maior do que os mortos durante a Primeira Guerra Mundial. A influenza de 1918 atingiu todos os continentes habitados, grandes e pequenas cidades, e até mesmo os membros do grupo de sociabilidades<sup>11</sup> do *Diário dos Campos* na cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná.

---

<sup>9</sup> NEUFELD, Paulo Murillo. Memória médica: a Gripe Espanhola de 1918. *Revista brasileira de análises clínicas*. Disponível em: <https://www.rbac.org.br/artigos/memoria-medica-gripe-espanhola-de-1918/>. Acesso em 10 mai. 2025.

<sup>10</sup> CORONAVIRUS. *Worldmeters info*. In: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em 20 mai. 2025

<sup>11</sup> AGULHON, Maurice. A sociabilidade, a Sociologia e a História. In: RIBEIRO, Luiz Carlos; DORÉ, Andréa. (orgs). *O que é sociabilidade?* São Paulo: Intermeios, 2019, p. 21.

## A chegada da influenza em Ponta Grossa

Os primeiros indícios da aproximação da influenza em Ponta Grossa apareceram nas páginas do *Diário dos Campos* em outubro de 1918. Na ocasião, o jornal ponta-grossense recomendava remédios caseiros e homeopáticos contra a doença, em uma nota que alertava que “O povo deve se prevenir contra a influenza espanhola. A medicina oficial recomenda cachaça e limão. A homeopatia, acônito e arsênico, estes tomados diariamente, como preventivos”<sup>12</sup>.

Não há registros na medicina moderna sobre a eficácia de cachaça ou limão contra a influenza, e certamente o uso preventivo de acônito e arsênico - ambos venenos - como homeopáticos não tinha tendência a produzir resultados cientificamente positivos no combate ao vírus. Nos dias seguintes, à medida que a pandemia grassava nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a recomendação do uso do arsênico continuava nas edições do impresso ponta-grossense, sendo somado a novos medicamentos que iam sendo divulgados diariamente pela medicina nacional.

Tomar como preventivos acônito e arsênico. Também serve gelsemium. Sendo a gripe intestinal, arsênico alternado de acônito e baptisia. Atacando a cabeça, arsênico alternado de acônito e gelsemium. Pneumônica, arsênico, alternado acônito e beladona. Segundo os indivíduos e as moléstias acessórias a medicação varia muito. Acônito, arsênico, beladona – estes remédios populares – principalmente arsênico, são preventivos aconselhados<sup>13</sup>.

Enquanto o jornal buscava dar informações aos seus leitores e assinantes sobre as formas de combate à influenza, o número de casos no Brasil aumentava. No decorrer da pandemia de 1918, as estimativas apontam que cerca de 35 mil pessoas morreram vítimas da influenza, das quais as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram as mais atingidas, somando juntas metade das vítimas. A cidade de

---

<sup>12</sup> INFLUENZA ESPANHOLA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 19 out. 1918, p. 1.

<sup>13</sup> PARA A ESPANHOLA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 22 out. 1918, p. 1.

São Paulo, por exemplo, teve a estimativa de 350 mil casos e 5 mil mortes, em uma população de 523 mil habitantes<sup>14</sup>.

Mas, se isso pudesse dar uma impressão de uma quantidade mais expressiva de casos nas grandes cidades, é importante notar que os dados relativos à pandemia de influenza de 1918 são muito mais abrangentes em relação às capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro, onde existem uma maior quantidade de fontes preservadas, do que no interior do país, onde a preservação de uma menor quantidade de vestígios da pandemia dificulta uma estimativa precisa de atingidos tanto nessas regiões específicas quanto uma computação nacional dos efeitos da pandemia de influenza de 1918.

Em Curitiba, no mês de outubro, a influenza começou a registrar uma quantidade cada vez maior de casos. Entre 14 de outubro e 14 de dezembro de 1918, o número de pessoas atingidas pela pandemia foi de 45.249, com 384 mortes<sup>15</sup>, em uma cidade que, em 1920, registraria 78.796 habitantes. Ou seja, mais da metade da população da capital paranaense contraiu a influenza nesses dois meses.

Dadas as condições sanitárias de Ponta Grossa, as notícias da aproximação da doença causavam um temor redobrado na população e na equipe do *Diário dos Campos*. Os surtos de doença eram uma presença cotidiana na vida social local durante as primeiras décadas do século XX. A convivência entre a população e as doenças ia desde momentos ameaçadores, que incluíam as endemias e a chegada de epidemias, até períodos em que os surtos de doença se distanciavam e os casos se escasseavam na cidade.

Mesmo seis anos antes, em um dos diversos textos sobre a estrutura sanitária, o jornal havia alertado para a falta de estrutura e as dificuldades para o combate às epidemias na cidade.

É lamentável que até hoje Ponta Grossa, a segunda cidade do nosso Estado, não tenha ao menos em esboço, um serviço sanitário. A partir disso a disseminação [é] fácil de qualquer moléstia

---

<sup>14</sup> PORTAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. A gripe que derrubou São Paulo. <https://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes/a-gripe-que-derrubou-sao-paulo/>. Acesso em 20 jun. 2025.

<sup>15</sup> POSSE, Zulmara Clara Sauner; CASTRO, Elizabeth Amorim de. *As virtudes do bem-morar*. Curitiba: Edição do autor, 2012. Disponível em: <https://www.memoriaurbana.com.br/as-virtudes-do-bem-morar/livro/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

infectocontagiosa entre nós. Ainda não longe está a terrível quadra em que a escarlatina nos fez a sua sinistra visita, arrancando entes queridos e dizimando a população infantil<sup>16</sup>.

Nos anos seguintes, se alguma estrutura sanitária ia sendo construída na cidade, ela não era suficiente para atender às necessidades do crescente aumento populacional no meio urbano e à doença que se aproximava na velocidade dos trens. Em 25 de outubro de 1918, em um momento em que as notícias da chegada da pandemia em Curitiba assustavam os leitores ponta-grossenses, o *Diário dos Campos* publicou um apelo não apenas ao setor público municipal, mas também solicitando o esforço do governo estadual para que providências fossem tomadas em relação aos problemas sanitários da cidade.

Ponta Grossa é o grande extravasadouro de viajantes do Rio Grande, Santa Catarina, São Paulo, norte do Estado e interior e, no entanto, saltando aos olhos por ser um ponto estratégico de combate a qualquer moléstia que invada o Paraná, não tem nenhum serviço de higiene estadual ou municipal. [...] Será que nós não temos nenhum valor político? Nem econômico? Nem financeiro? E as demais cidades do Estado? Não valem nada? A saúde pública que desde os romanos é considerada a primeira razão do Estado, entre nós será a última? Todas as cidades, centros de trânsito como Rio Negro, União da Vitória e Ponta Grossa estarão condenadas ao contágio das epidemias. [...] Os postos de desinfecção são obrigatórios em Rio Negro, União da Vitória e Ponta Grossa. E Curitiba, a capital, terá esses verdadeiros postos avançados da sua defesa sanitária. Sem isso, importará, como ter importado, muitas epidemias<sup>17</sup>.

O apelo do dia 25 parece ter alarmado a população ponta-grossense. No dia seguinte, o jornal busca aplacar os ânimos como uma sequência de artigos pedindo calma à municipalidade local e apontando providências que estavam sendo tomadas na cidade.

O povo não se impressione. Ponta Grossa, o interior, o Paraná, tem um clima tão propício e suave que jamais os males nos adirão com virulência e impetuosidade com que se apresentam

---

<sup>16</sup> SANEAMENTO DA CIDADE. O Progresso. Ponta Grossa, 20 jul. 1912, p. 1.

<sup>17</sup> PONTA GROSSA ao abandono. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 25 out. 1918, p. 1.

em outros pontos do país. Nem por isso devemos, todavia, cruzar os braços, porquanto a moléstia, embora benigna, pode agravar-se por causas múltiplas, de uma hora para outra, entrando impetuosamente no Paraná. [...] Há controvérsia se há ou não epidemia na capital e em Ponta Grossa. Não sejamos apaixonados. Nem políticos. Há. Mas não tem o mal a mesma gravidade que tomou no Rio de Janeiro ou em São Paulo<sup>18</sup>.

O título do artigo, intitulado “O interior e a capital ameaçados”, subliminarmente apresentava similaridades com os artigos sobre os boatos de “a cidade ameaçada” publicados durante o conflito do Contestado entre 1912 e 1914. A mensagem equalizava os riscos da pandemia com o da Guerra do Contestado<sup>19</sup>. Mas também transmitia que, uma vez tomadas as providências adequadas, a população poderia ficar tranquila em relação à influenza, pois esta também poderia ser vencida.

Nos outros artigos do mesmo dia, a redação do jornal ponta-grossense noticiava a visita do deputado estadual Brasília Ribas e o médico Dr. Paula Braga na redação do jornal. Brasília Ribas, em virtude de uma viagem de Abraham Glasser, estava atuando como prefeito substituto na cidade. A visita do prefeito substituto, acompanhado pelo médico, na sede do jornal ponta-grossense tinha por função estabelecer um acordo para a divulgação das medidas de quarentena que seriam tomadas em Ponta Grossa para enfrentar a pandemia. Na mesma edição, o jornal noticiava as medidas implementadas na cidade.

O Sr. Dr. Paula Braga, agindo de acordo com o Sr. Cel. Brasília Ribas, tomou as seguintes providências: a) desinfecção das malas de correio e bagagens nas estações; b) isolamento dos doentes; c) comunicação ao Delegado de Higiene e à prefeitura dos casos suspeitos; d) fechamento das escolas públicas e particulares, cinemas e casas de diversões, aglomerações do povo na estação, ou outras quaisquer espécies de aglomerações, sobretudo

---

<sup>18</sup> O INTERIOR E A CAPITAL ameaçados. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 26 out. 1918, p. 1

<sup>19</sup> A Guerra do Contestado foi um conflito entre os sertanejos e os fazendeiros apoiados pelas forças militares do governo estadual e federal na região limítrofe dos estados do Paraná e Santa Catarina. Na ocasião, Ponta Grossa serviu como ponto de concentração das tropas federais em marcha para a região dos confrontos. CARVALHO, Tarcísio Mota de. *Coerção e consenso na Primeira República: a Guerra do Contestado (1912-1916)*. 214 f. Tese – Doutorado em História – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

à noite. O *Diário dos Campos* louva as medidas tão prontamente tomadas, e nesse terreno, hipoteca o seu apoio às autoridades municipais e estaduais<sup>20</sup>.

As notícias do dia 26 continuavam com uma nota que afirmava que no dia anterior não havia sido registrado nenhum caso de influenza na capital paranaense, completando três dias sem óbitos causados pela doença<sup>21</sup>. Entretanto, tendo em vista as dezenas de milhares de casos de influenza em Curitiba entre outubro e dezembro de 1918, as dezenas de artigos nos jornais curitibanos sobre a presença da doença na cidade e o fechamento das casas de diversão e aglomerações na capital a partir do dia 24 de outubro por decreto do prefeito João Antônio Xavier, é improvável que a nota do *Diário dos Campos* fosse verdadeira e que a doença tivesse dado uma trégua entre os dias 23 e 25 de outubro. Todavia, mais do que propriamente divulgar o fato, a nota tinha a função de controlar os ânimos da população pontagrossense.

Nos dias seguintes, as páginas do *Diário dos Campos* pareciam continuar a comunicar um discurso tranquilizador para a população de Ponta Grossa sobre os casos e a letalidade da pandemia. O artigo de fundo do dia 28 de outubro trazia as estatísticas do obituário mensal comparado com o número de mortes de outras cidades. Nele, Ponta Grossa aparecia com apenas 14 mortos por mil habitantes, comparados aos 15 por mil em São Paulo, 17 por mil em Curitiba e 22 por mil no Rio de Janeiro. Esses dados poderiam ser entendidos pelos leitores como uma notícia positiva sobre a escala e a abrangência da letalidade da pandemia de influenza na cidade. Na mesma matéria a redação do *Diário dos Campos* acrescentava a mensagem:

No interior correm os mais imaginosos boatos a respeito da influenza espanhola. Todos sem fundamento. Essas fantasias terroristas são desfeitas pelos documentos oficiais. A influenza que tem havido em Ponta Grossa, e que se propaga habitualmente nas mudanças de estação, não tem características calamitosas, da peste da guerra, nem ataca em massa, nem é fulminante, nem contagiosa<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> AS PROVIDÊNCIAS. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 26 out. 1918, p. 1.

<sup>21</sup> A EPIDEMIA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 26 out. 1918, p. 1.

<sup>22</sup> O ESTADO SANITÁRIO. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 28 out. 1918, p. 1.

Tendo em vista as necessidades para o combate à influenza, as associações locais também passaram a oferecer serviços para os médicos. O *Diário dos Campos* apontou a necessidade de criação de um hospital de isolamento para os doentes de influenza em Ponta Grossa, com a sugestão da utilização da hospedaria dos imigrantes para tal função. A diretoria do centro espírita São Francisco de Assis também ofereceu seu prédio para a mesma finalidade. Mas seria apenas no mês seguinte que o centro espírita assumiria funções de apoio no atendimento médico e nutricional dos doentes pobres da cidade.

### Os mortos

Mas, se por um lado, nos dias finais de outubro, após o acordo com a prefeitura, o discurso oficial do jornal parecia apontar tranquilidade e eficiência dos órgãos locais no combate à pandemia, na edição do dia 29 de outubro, o discurso do *Diário dos Campos* novamente mudava de enfoque. No artigo de fundo, o aniversário da entrada do Brasil na guerra contra os Impérios Centrais era refletido em relação às dificuldades e à pandemia que a população brasileira estava enfrentando. O texto utilizava um argumento mistificado, incomum nas páginas do *Diário dos Campos*, sobre os problemas, a guerra e a peste que atacavam a população brasileira.

Assim sofre a Capital Federal, onde reina a maior beleza, mas também onde reside a maior depravação moral, ali onde impera com mais fulgor a inteligência, mas, entretanto, mais crimes contra o próximo, se praticam principalmente os crimes políticos, principalmente os crimes administrativos, que redundam em sofrimentos, prejuízos de toda parte, deste bondoso e grande povo do Brasil. Deus é justo. Para os grandes crimes, os grandes castigos<sup>23</sup>.

Nessa rara ocasião, a guerra e a pandemia eram percebidas como um castigo da divindade para os pecadores e corruptos nacionais, e especialmente severo para os culpados da capital federal. Reis era espírita, e textos teóricos sobre o espiritismo eram comuns nas edições do jornal. Mas em reflexões políticas e sociais, o

---

<sup>23</sup> BRASIL NA GUERRA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 29 out. 1918, p. 1.

*Diário dos Campos* geralmente se apoiava no racionalismo e positivismo. Essa é uma das raras ocasiões em que um texto, assinado pelo proprietário do jornal, toma um caminho diferente para tentar explicar a guerra e, principalmente, a pandemia, que naquele momento assolava o Rio de Janeiro e outras grandes cidades, e cujos temores acompanhavam sua entrada em Ponta Grossa.

Reis, inclusive, não precisava assinar esse artigo, pois era um artigo de fundo e ele, além de proprietário, era também o redator. Mas ainda assim, ele o assinou. Isso significava que, nesse momento específico, ele quis expressar sua opinião pessoal aos leitores e buscou eximir os outros membros da configuração do jornal da responsabilidade de um texto, que poderiam concordar ou não com sua reflexão. Essa resposta “mística” para a pandemia, incomum para o estilo de retórica dos textos que Reis normalmente escrevia, indica que, em meio ao temor, ao menos por um momento, as respostas racionais podem ter se esgotado.

Na mesma edição, a segurança do transporte ferroviário, que, segundo as páginas do *Diário dos Campos*, funcionava como foco de distribuição da doença, era um motivo de preocupação com o aumento de casos da pandemia no meio local.

Os verdadeiros focos epidêmicos são os vagões da estrada. Esses vagões espalham a influenza por todo o Estado. Anteontem, em um vagão de 42 lugares, vinham 70 passageiros de segunda classe, alguns doentes. Este fato, que demonstra a ganância da Estrada e o seu nenhum cuidado pela saúde pública, revoltou os quantos o presenciaram. O governo do Paraná precisa obter, custe o que custar, um aparelho de desinfecção, para efetuarmos a profilaxia nos trens. Ali é que está o perigo<sup>24</sup>.

A superlotação dos trens e a falta de materiais para prevenção contra a influenza eram um temor cotidiano nas páginas do jornal. Mesmo após o fechamento do comércio no dia 26 de outubro, a ferrovia mantinha o tráfego de produtos e pessoas com as capitais que estavam sofrendo com a pandemia, especialmente as cidades de Curitiba e São Paulo. Não há notícias de paralisação dos trens das ferrovias de Ponta Grossa antes do dia 13 de novembro, o que significa que o transporte rodoviário só foi interrompido em algum momento durante o hiato do jornal, entre 13 e 29 de novembro, retornando suas atividades em 13 de dezembro.

---

<sup>24</sup> OS FÓCOS. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 29 out. 1918, p. 1.

E embora o *Diário dos Campos* não tenha alarmado os números de casos de influenza em Ponta Grossa antes de novembro, como a citada matéria do dia 26 de outubro dizia, a influenza já havia chegado à cidade<sup>25</sup>.

Nos dias seguintes, o jornal buscava conciliar um discurso que respeitasse o acordo de divulgar as ações da prefeitura e particulares locais para o combate à doença e evitar um alarmismo na população local, com as realidades diárias da pandemia e as informações que chegavam pelo telégrafo, pelo telefone e conversas com os membros dos círculos locais.

Ao mesmo tempo em que se inteiravam das notícias dos casos e das mortes causadas pela doença, a imagem de um futuro melhor, que era característica do ideal de progresso, era avariada e, em alguns momentos, substituída por uma desilusão com o futuro. A falta de médicos, a escassez de remédios, a inadequada estrutura sanitária e o grande número de moradores locais e imigrantes em condições de pobreza e sem assistência eram alguns dos focos de preocupação do jornal. Uma semana depois, os temores em relação à gripe por parte do jornalismo ponta-grossense eram reforçados com mais um artigo do *Diário dos Campos*, que apontava os números de casos nas capitais e reforçava a necessidade de prevenção.

Em São Paulo a epidemia com 5.000 casos diários nos últimos dois dias, o máximo de óbitos que ocasionou por dia, foram 8. No entanto, a imprensa, notadamente o Estado de São Paulo evidencia o imenso perigo que há, e a enorme mortandade que haverá, se a moléstia atacar em massa a população de São Paulo. Faltando médicos, remédios, tratamento, alimentação, a mortandade será fantástica, como no Rio de Janeiro. Não ocultemos a moléstia, erro que se está cometendo no Paraná. Esse sistema pífio de acalmar o povo é prejudicialíssimo. Nós brasileiros somos um povo de relaxados e se a imprensa diz que não há nada, ninguém toma cuidado nenhum. Há. Há influenza em Curitiba, em Antonina, em Paranaguá, em toda parte à margem da Estrada de Ferro<sup>26</sup>.

O texto apresentava que em São Paulo havia uma alta quantidade de casos e um número menos expressivo de óbitos. Mas se o argumento das linhas iniciais

---

<sup>25</sup> O INTERIOR E A CAPITAL ameaçados. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 26 out.1918, p. 1.

<sup>26</sup> O PERIGO DO ASSALTO em massa. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 8 nov.1918, p. 1.

do discurso do jornal ponta-grossense buscava tranquilizar os leitores com a notícia de uma baixa letalidade da pandemia, é preciso notar que a evolução dos casos diários dos dias 6 e 7 de novembro afetaria os registros de letalidade apenas nas semanas seguintes. E, como tanto a imprensa paulista como o jornal ponta-grossense reforçavam, o temor principal com relação à influenza seria caso o número de doentes superasse a capacidade da estrutura sanitária das cidades.

Mas, com exceção da estrada de ferro, que nos dias seguintes continuou a ser criticada como um foco de dispersão da doença, pela superlotação dos trens, falta de aplicação de higiene e de medidas sanitárias pela direção da ferrovia, não houve textos do impresso ponta-grossense sobre a relação das outras indústrias e comércio local com a pandemia. Pelo contrário, os textos que tratam indiretamente sobre o trabalho urbano e a pandemia eram geralmente conselhos da direção do jornal *Diário dos Campos* sobre o risco de “recaída” da influenza em indivíduos ainda não completamente recuperados. Segundo as páginas do impresso, isso ocorria porque muitos doentes, uma vez iniciada a recuperação, deixavam de se resguardar em relação à moléstia e tomavam umidade, vento, sereno ou chuva.

Reiteramos aos convalescentes de influenza os conselhos anteriores. Deverão lavar-se em água morna, não deverão apanhar chuva, nem vento, nem sereno, nem tomar gelados, ou bebidas, alimentando-se alguns dias depois de boas comidas leves, cereais, verduras e carnes brancas<sup>27</sup>

Mas como se nota, muitos desses descuidos eram causados pela necessidade desses trabalhadores de retornarem às suas funções nas fábricas, pois, tendo em vista a inexistência de uma legislação trabalhista, o dia não trabalhado significava o não recebimento de salários. Assim, uma vez iniciada a recuperação da doença, muitos procuravam retornar aos seus postos de trabalho.

A dieta recomendada pela direção do *Diário dos Campos* para os convalescentes também não era fácil de ser aplicada. Em meio aos problemas de abastecimento causados pela guerra, mesmo com Ponta Grossa sendo uma cidade interiorana e com produção de alimentos em seus arredores, uma dieta diária variada como esta,

---

<sup>27</sup> AOS CONVALESCENTES. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 12 nov.1918, p. 1.

envolvendo carnes, cereais e verduras, estava distante das possibilidades das parcelas mais pobres da população local. Isso resultou em solicitações por parte da direção do jornal para a hospitalização dos doentes pobres da cidade. Os doentes de classes mais altas, uma vez atendidos nos hospitais ou em suas casas, tinham condições de continuar a seguir os cuidados prescritos em suas residências. Mas os doentes com poder econômico inferior, ao serem liberados após receberem as receitas, tinham dificuldades em seguir em suas casas as prescrições para o tratamento da doença.

Como medida de combate à influenza, as notícias de Curitiba traziam que o governo paranaense iria colocar no mercado para venda a preço de custo 500 galinhas, por serem consideradas alimentos necessários para o restabelecimento da saúde dos atingidos pela doença. As dificuldades de promover uma alimentação balanceada levaram o jornal a publicar inclusive algumas receitas caseiras de sopas de cereais sugeridas por Hugo dos Reis para os afetados pela doença. Reis não tinha formação em nutrição e este foi um dos poucos - se não o único - texto de receitas nutritivas da redação publicado no jornal, o que demonstra uma situação que demandava respostas excepcionais da imprensa local.

O impresso ponta-grossense trazia crônicas da vida cotidiana na capital com impressões melancólicas da cidade fechada e sem trânsito, devido às mortes e à quarentena. Noticiava, entre os atingidos pela doença na capital, os nomes de figuras reconhecidas pelos leitores do impresso ponta-grossense, incluindo a morte do Cap. Narbal de Passos, chefe do corpo de bombeiros de Curitiba, e a situação do Dr. Eneas Marques, influente político paranaense, que estava se restabelecendo da influenza.<sup>28</sup>

A direção do jornal também abriu uma subscrição para a compra de medicamentos e alimentos para o centro espírita São Francisco de Assis, que estava fornecendo, segundo a direção do *Diário dos Campos*, cerca de cem receitas diárias para os pobres na cidade. Embora nem todas as receitas fossem para o tratamento da influenza, esse número diário de atendimentos em uma cidade com 20 mil pessoas indica uma quantidade elevada de pessoas solicitando apoio médico.

Mas, apesar dos alertas, campanhas e discursos do impresso de Ponta Grossa, a epidemia prosseguiu na cidade. E no dia seguinte, a influenza atingiu com

---

<sup>28</sup> A EPIDEMIA NA CAPITAL. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 12 nov.1918, p. 1.

maior voracidade a saúde da própria equipe do jornal. O impresso não publica a edição diária, assim como não publica nos dias seguintes, retornando apenas no dia 29 de novembro. A edição 5.226 foi datada do dia 13 de novembro e a 5.227 apenas do dia 29. Hugo dos Reis ficou doente, assim como vários articulistas e membros da equipe do impresso.

Reaparecendo o Diário dos Campos após duas semanas de interrupção, por não ter logrado escapar à epidemia reinante nenhum de nossos auxiliares, todos ao mesmo tempo acometidos pelo flagelo, vimos, em primeiro lugar, prestar as nossas homenagens aos nossos caros mortos, aqueles que nos foram arrebatados no terrível vendaval da peste, que enlutou os nossos corações, e estendeu por sobre a cidade os crepes da viuvez e da orfandade<sup>29</sup>.

Hugo dos Reis e outros membros da equipe do jornal sobreviveram. No entanto, os dias entre 13 e 29 foram os mais difíceis da pandemia em Ponta Grossa. O jornal, assim como a ferrovia, parou suas atividades. Os casos e as mortes de indivíduos de todas as classes sociais, incluindo vários membros do grupo de sociabilidades do jornal, indicam a abrangência da doença.

A edição do dia 29 era repleta de notas de pesar sobre as personalidades locais que haviam falecido durante o hiato do impresso, em decorrência da influenza. Entre os nomes encontrava-se Antônio Hoffmann, proprietário de um dos principais armazéns de secos e molhados da cidade e que havia sido apoiador do *O Progresso/Diário dos Campos* desde 1909, sempre comprando espaço de propaganda no jornal. Conceição Ferreira de Almeida, esposa do Cel. Hyppolito Ferreira de Almeida, membro da elite local. Eleodoro Borba, funcionário da ferrovia, Noêmia Galvão, noiva do professor Loureiro, Abigail Vilela Guimarães, membro da prestigiada casa dos Vilelas, Carlo Ribas e José Berliates M. Ribas, membros da família Ribas, Doris Quadros, bebê filha do advogado Miguel de Quadros, que havia sido um dos redatores do jornal em 1911, quando Hugo dos Reis havia se retirado da redação do impresso, e Dolores Van Der Brook, esposa de José Van Der Brook, encarregado dos telégrafos de Rio Negro e um dos responsáveis pela transmissão das notícias do interior para a redação do *Diário dos Campos*.

---

<sup>29</sup> OS MORTOS. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 29 nov.1918, p. 1.

As incertezas e as perdas que a rede de sociabilidades do *Diário dos Campos* sofreu durante a pandemia de influenza promoveram conturbações na estrutura de produção discursiva do jornal, no mesmo momento em que a mortandade estava ocorrendo. A direção do jornal orientava a população local com discursos em defesa dos medicamentos homeopáticos, já citados desde o início da pandemia, e defendia as restrições da quarentena, com sanitização dos espaços de circulação e organização dos postos de desinfecção. Ao mesmo tempo, apoiava a instauração de postos de socorro para o atendimento aos atingidos pela pandemia e buscava promover a criação de caixas de subscrição para apoio ao tratamento dos doentes e fornecer os alimentos considerados importantes para o combate à doença.

As notícias de Curitiba traziam as ações dos postos de socorro aos doentes. Incluíam a produção de receitas e compra de alimentos, dos quais as referidas galinhas apareciam novamente, junto ao leite em garrafas e em latas, marmeladas e outros gêneros alimentícios. Mas também incluíam a preocupação com os mortos. Uma das ações que os postos de socorro da capital, públicos e de associações beneficentes, estavam tomando incluía a ajuda no enterro dos mortos.

Essas ações da direção do jornal ponta-grossense na produção de discursos durante a pandemia, atacando a doença em diversas direções, podem parecer uma falta de previsão da imprensa daquele período. Afinal, não havia comprovação científica da validade do uso de medicamentos como arsênico e acônito contra a influenza. A canja de galinha e o leite, embora não fossem prejudiciais e tivessem sua utilidade na promoção de uma alimentação saudável, também não tinham efeito direto no combate à doença. O fato era que não se conhecia um remédio para a doença, e as próprias equipes dos impressos paranaenses conviviam com as perdas em seus apoiadores. Os jornais repetiam os alarmes, republicavam notícias dos impressos das cidades vizinhas e reproduziam as fórmulas que eram criadas diariamente como possíveis ideias para o combate à doença.

O número de mortos em Ponta Grossa, relatado pelo *Diário dos Campos* em 9 de dezembro, era de 74 fatalidades em uma cidade pequena, na qual cada perda alvoroçava a vizinhança com os temores da gripe<sup>30</sup>. Além desse número, era comum

---

<sup>30</sup> A GRIPPE. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 9 dez. 1918, p. 1.

que em situações de calamidade pública, pessoas falecessem sem receber um diagnóstico preciso da doença, de forma que a quantidade de mortes pode ter sido superior – ou, no mínimo, diferente – da quantidade relatada no jornal.

Em 13 de dezembro, por exemplo, o *Diário dos Campos* trazia a notícia que, no povoado de Roxoroiz, que fazia parte do município de Ponta Grossa, a gripe havia resultado em 230 mortes<sup>31</sup>. A notícia, embora buscasse apresentar um fato, tem um significado mais relevante sobre os medos e boatos da pandemia que propriamente a quantidade real de mortes nos povoados do interior. Basta lembrar que a cidade de Curitiba, com cerca de 78 mil habitantes, havia relatado 384 falecimentos decorrentes da influenza. A probabilidade do povoado de Roxoroiz, com menos de mil habitantes, ter perdido entre 25% e 50% de sua população devido à pandemia era improvável, dada a própria letalidade do vírus. Mas a notícia precisa ser compreendida em uma conjuntura marcada pelo temor e pela visão dos mortos, que diariamente eram levados para os cemitérios. E, embora houvesse medicamentos e alimentos que pudessem apoiar nas chances de sobrevivência, os médicos não haviam encontrado um remédio para a doença. A tosse, a fraqueza e os sinais da doença significavam que o indivíduo havia entrado em um jogo do qual poderia sair vivo ou não.

Apenas por volta do dia 13 de dezembro é que a pandemia em Ponta Grossa deu sinais de diminuição. Nesse mesmo dia, a ferrovia voltou a fazer as viagens, tanto na linha para Curitiba quanto para São Paulo. O restabelecimento das comunicações ferroviárias com as capitais também ajudava no abastecimento da cidade de Ponta Grossa, que era uma das necessidades para a entrada de produtos e medicamentos para a população ponta-grossense.

No dia 21 de dezembro, o *Diário dos Campos* finalmente declarava a pandemia de influenza como extinta em Ponta Grossa<sup>32</sup>. Isso não significava que todos os casos haviam sido curados. Miguel de Quadros, por exemplo, convalescia da doença naquele momento e recebia votos da direção do jornal para seu restabelecimento. Entretanto, a notícia publicada no impresso funcionava como um reconhecimento do retorno à normalidade na cidade, com a diminuição de casos e do risco de contágio em Ponta Grossa.

---

<sup>31</sup> A PESTE EM ROXOROIZ. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 10 dez. 1918, p. 1.

<sup>32</sup> A EPIDEMIA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 21 dez. 1918, p. 1. 225.

## Considerações Finais

O período mais crítico da pandemia de 1918 no Brasil foi entre os meses de agosto e dezembro, e no Paraná, de outubro a dezembro. Contudo, os casos e as sequelas da pandemia continuaram, em menor escala, nos anos seguintes.

Um dos resultados decorrentes da pandemia de influenza de 1918 na configuração do *Diário dos Campos* foi a perda de leitores, apoiadores e membros próximos da equipe de produção do jornal, que faleceram vítimas da doença.

A perda de um correspondente, articulista ou representante comercial não era facilmente substituível. O processo de atração de membros para a equipe do jornal era complexo e envolvia diversas ações da direção do *Diário dos Campos*, tais como concursos literários, campanhas e aproximações discursivas e intelectuais. Além disso, a entrada de um membro na equipe não garantia sua permanência. Indivíduos interessados em colaborar com o jornal precisavam ajustar-se ao discurso predominante ou, pelo menos, ao discurso aceitável pelo círculo de sociabilidade do periódico. A complexidade de adequar-se a esses preceitos dificultava a substituição dos membros perdidos pela configuração do impresso.

A perda de apoiadores também significava a diminuição nas receitas do jornal ponta-grossense. Antônio Hoffman, por exemplo, sempre havia aparecido nas listas dos assinantes do *Diário dos Campos*. A mesma coisa poderia ser dita sobre vários membros das famílias Vilela e Ribas. O jornal, que desde 1916 reclamava da falta de pagamento dos assinantes, após 1918, a publicação de textos alertando os assinantes para a necessidade de pagamento das assinaturas atrasadas, tornou-se cada vez mais diária, o que é um indício de que as finanças estavam sofrendo dificuldades<sup>33</sup>.

Embora o jornal ameaçasse explicitamente interromper o envio das edições aos devedores, a ameaça não podia ser cumprida. O problema das assinaturas não pagas continuaria a ser um fardo para as finanças do *Diário dos Campos* nos anos seguintes, e mesmo na nota de balanço financeiro após a venda do impresso em 1921, Hugo dos Reis mencionaria a necessidade de os assinantes pagarem seus débitos.

---

<sup>33</sup> NO FIM DO ANNO. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 1 jan. 1919, p. 3

A pandemia de 1918 também causou um efeito discursivo nas páginas do jornal ponta-grossense. No segundo semestre de 1918, quando a pandemia estava ocorrendo, foram encontrados 84 artigos do jornal *Diário dos Campos* sobre a “gripe espanhola”. Esse número condiz com a gravidade da situação e a abrangência da influenza no meio local e nacional. Mas após dezembro de 1918, a influenza é citada apenas uma vez diretamente e outra indiretamente nas páginas do impresso de Ponta Grossa.

A pequena quantidade de citações da doença em Ponta Grossa era incomum, especialmente pelo *Diário dos Campos* ser um impresso que costumava rememorar e republicar os fatos da sociedade local. A fundação do jornal, a disputa entre Paraná e Santa Catarina durante a questão dos limites do Contestado, as viagens e artigos de Hugo dos Reis, as ações da *Sociedade Operária* e a greve de 1917, todos eram temas cotidianamente lembrados pela direção do impresso local. Mas não a influenza. Esta foi um evento traumático mesmo na pena dos jornalistas e, após 1918 se tornou noticiada nas ocasiões em que era estritamente necessário.

Ao contrário de Ponta Grossa, nos jornais de Curitiba, as notícias sobre a influenza nos anos seguintes a 1918 continuaram a ser publicadas, embora em menor quantidade, em virtude da diminuição e, finalmente, a ausência de casos. Os jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, cidades mais atingidas do país pela pandemia, continuaram a ter citações da influenza até 1920, quando, finalmente, a pandemia terminou.

## Referências

- A EPIDEMIA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 26 out. 1918.
- A EPIDEMIA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p.1, 21 dez. 1918.
- A EPIDEMIA NA CAPITAL. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 12 nov.1918.
- A GRIPE. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 12 jul. 1921.
- A GRIPPE. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 9 dez. 1918.
- A MORTE DO PRESIDENTE. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 2, 18 jan. 1919.
- A PESTE EM ROXOROIZ. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 10 dez. 1918.
- AGULHON, Maurice. A sociabilidade, a Sociologia e a História. In: RIBEIRO, Luiz Carlos; DORÉ, Andréa. (orgs). *O que é sociabilidade?* São Paulo: Intermeios, 2019.

- AS PROVIDÊNCIAS. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 26 out. 1918.
- AOS CONVALESCENTES. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 12 nov.1918.
- BRASIL NA GUERRA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 29 out. 1918.
- CARVALHO, Tarcísio Mota de. Coerção e consenso na Primeira República: a Guerra do Contestado (1912- 1916). 214 f. Tese – Doutorado em História – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel,1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n.11, 1991.
- CORONAVIRUS. *Worldmeters info*. In: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em 20 mai. 2025.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HOLLOWATE, Isaias. *Discursos e sociabilidades nas páginas do jornal Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1907-1921*. 2024. 270 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.
- INFLUENZA ESPANHOLA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 19 out. 1918.
- NEUFELD, Paulo Murillo. Memória médica: a Gripe Espanhola de 1918. *Revista brasileira de análises clínicas*. Disponível em: <https://www.rbac.org.br/artigos/memoria-medica-gripe-espanhola-de-1918/>. Acesso em 10 mai. 2025.
- NO FIM DO ANNO. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 3, 1 jan. 1919.
- O ESTADO SANITÁRIO. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 28 out. 1918.
- O INTERIOR E A CAPITAL ameaçados. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 26 out. 1918.
- O INTERIOR E A CAPITAL ameaçados. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 26 out.1918.
- O PERIGO DO ASSALTO em massa. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 8 nov.1918.
- OS FÓCOS. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 29 out. 1918.
- OS MORTOS. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 29 nov.1918.

- PARA A ESPANHOLA. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 22 out. 1918.
- PONTA GROSSA ao abandono. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 25 out. 1918.
- PORTAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. A gripe que derrubou São Paulo. <https://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes/a-gripe-que-derrubou-sao-paulo/>. Acesso em 20 jun. 2025.
- POSSE, Zulmara Clara Sauner; CASTRO, Elizabeth Amorim de. *As virtudes do bem-morar*. Curitiba: Edição do autor, 2012. Disponível em: <https://www.memoriaurbana.com.br/as-virtudes-do-bem-morar/livro/>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- SANEAMENTO DA CIDADE. *O Progresso*. Ponta Grossa, p. 1, 20 jul. 1912.
- SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.